

Legislação completa 30 anos

No dia 22 de dezembro de 2012, outro marco importante na luta contra os agrotóxicos, estará de aniversário a Lei Estadual 7.747/82, conhecida como Lei do Agrotóxico, legislação gaúcha pioneira no Brasil e que acabou influenciando a legislação nacional (7.802/89). A elaboração deste texto contou com a participação direta de parlamentares sensíveis à questão ambiental e de representantes da sociedade civil, como o gaúcho Sebastião Pinheiro. A própria definição do nome da lei federal foi uma grande vitória, pois permaneceu Lei dos Agrotóxicos, e não dos defensivos agrícolas, como até hoje insistem as indústrias do setor. A legislação federal é considerada avançada. Por exemplo, para registrar um novo produto, as empresas precisam passar por três ministérios, Saúde, Meio Ambiente e Agricultura. “Nosso problema não é falta de lei, mas sim fiscalização e controle”, pondera o engenheiro agrônomo da Emater Jaime Weber.

A Lei dos Agrotóxicos (7.802), de 11 de julho de 1989, só foi regulamentada 13 anos depois de sua promulgação. No artigo 74 do Decreto Federal Nº 4.074, de 4 de janeiro de 2002, diz que “os agentes de inspeção e fiscalização, no desempenho de suas atividades, terão livre acesso aos locais onde se processem, em qualquer fase, a industrialização, o comércio, a armazenagem e a aplicação dos agrotóxicos, seus componentes e afins, podendo, ainda, (...) lavrar termos e autos previstos neste Decreto”.

CONTRABANDO – Como o preço é mais barato no Uruguai, na Argentina e no Paraguai, e produtos proibidos no Brasil também podem ser encontrados nesses países, o contrabando de agrotóxicos é grande, e combatido pela Polícia Federal. Em março, 1,2 tonelada foi apreendida e cinco pessoas presas em Boa Esperança e Foz do Iguaçu, no Paraná. Os venenos, fabricados na China, seriam usados nas lavouras de soja. No mesmo dia, 14 de março, a Polícia Federal realizou a Operação Salamanca nos municípios gaúchos de Quaraí, Itaqui, Alegrete, São Borja, Santiago, Ijuí e Manoel Viana. Durante as investigações, realizadas pelas Delegacias de Polícia Federal em Santana do Livramento e São Borja, foram recolhidas quase 5 toneladas de agrotóxico e presas 23 pessoas em flagrante.



Agrotóxicos proibidos entram pela fronteira. Em 14 de março PF apreendeu 5 toneladas

Segundo Sebastião Pinheiro, agrônomo e ecologista que ajudou a elaborar as legislações estadual e federal de agrotóxicos, “nunca foi feito um auto de infração no Brasil nestes 30 anos da primeira legislação de agrotóxicos”. A frase forte, como é do seu estilo, revela que ainda há muito por fazer no campo para se chegar a uma produção sustentável de alimentos, tema que fará parte dos discursos oficiais em junho no Rio de Janeiro durante a *Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável*.

CRÍTICA – “O agronegócio é supremo. Não há espaço para discussão. As fábricas de agrotóxicos estão na China, Índia, Brasil e México. É um segmento trilionário, num estado mundial totalitário”, alertou o agrônomo e ecologista Sebastião Pinheiro, 64 anos, durante palestra realizada em dezembro passado na Terça Ecológica promovida pelo Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul em Porto Alegre e acompanhada pela reportagem do *Extra Classe*.

“Eu não tenho mais tempo para ser ingênuo. Nos anos 80 se discutia mais. Será que vamos discutir sementes e alimentos na Rio + 20, a *Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável* que acontecerá no Rio de Janeiro em junho? Hoje se fala em cesta básica para os pobres e alimentos orgânicos saudáveis para os ricos. Não tenho mais idade para ser manipulado e induzido”, afirmou Sebastião Pinheiro.



FRAGA

Futurologia

Hoje, 1º de abril de 2022, reencontrei um objeto precioso. Minha bola de cristal.

De tecnologia ultrapassada, senti saudades das previsões holográficas. Pus baterias e fui rever imagens. Focalizei 2012, o ano em que vivi o perigo de me entusiasmar com Porto Alegre.

Naquela época, para onde quer que olhasse, via sinais de avanços. Desde que a Fundação Iberê Camargo plantara o prédio futurista na curva do Guaíba, pressentia novos tempos. Será?

Dia após dia, uma adição: esfregar a bola de cristal, que se iluminava para mostrar que Porto Alegre poderia vir a ser menos provinciana. Algumas cenas se repetiam e me empolgavam: o Cais Mauá, o Centro Cultural Shofar

(a ser erguido na Rua Casemiro de Abreu), a sede da Ospa e os estádios, o reformado Beira-Rio e a Arena do Grêmio.

Cada uma delas fazia a bola de cristal brilhar e a nitidez das construções não deixava dúvida: o futuro espantaria a pasmaceira da capital.

Nessa antevisão, o Cais Mauá iria mudar hábitos. O Rio Guaíba voltaria a ser de quem quisesse, num local em que se passaria o dia inteiro envolvido com atrações culturais, de lazer, entretenimento. Tudo porque o Jaime Lerner, mais que muitos gaúchos, acreditou na ideia. E ele foi além: recortou a orla entre o Gasômetro e o Cristal, de um jeito até então impensável: passear a centímetros do rio.

No bojo da bola de cristal, o Shofar resplandecia: era o mais audacioso dos projetos arquitetônicos. Concebido pelo genial Daniel Libeskind, que criou o marco zero em Nova Iorque, este Centro Cultural viraria um monumento internacional à cultura hebraica. Porto Alegre em dia com o mundo!

Ao se esboçar na bola, a imagem da sede da Ospa não me encantou: uma caixa de sapatos em meio ao verde, uma contradição entre fins, meios e ambiente. Mas, enfim, seria obra para projetar a música, e isso confortaria.

Os estádios também contribuiriam para a modernidade, por algum arrojo visual, que atualizaria a paisagem porto-alegrense. E daí a bola faiscava de sugestões pra capital: ponte nova, aeroporto repensado, metrô de verdade etc. Nem parecia Porto Alegre!

Assim empolgado, idealizei uma via expressa genial: um viaduto por sobre todo o riacho Ipiranga, a 5m de altura, que liberaria as marginais para um trânsito tranquilo. Mas a bola se recusou a incluir meu projeto. Avançado demais para aquele tempo, acho.

Bem, já guardei a bola, só serve pra atenuar o Alzheimer. Tenho que ir pra orla, meu lugar de nascença.



Ilustração: Rafael Sica